

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

A BATALHA DA HORA PRESENTE

Mas haverá, realmente, para as classes trabalhadoras, uma batalha a travar, nesta ocasião da vida internacional e nacional?

Muitos pensam, decerto, que não. As desilusões desta paz tão pouco pacífica foram um golpe tanto mais acabrunhador quanto os anos de guerra se caracterizaram por uma grande confiança na vinda de uma era melhor. Em consequência de tal decepção, uma onda de apatia e descrença tocou-nos a todos nós — a alguns fê-los desistir da luta, a outros levou-os a perguntarem a si próprios, repetidamente, se valeria a pena continuar a combater. Pois bem, o combate do homem por um mundo mais humano continua. Perdidas as ilusões de que o calar da artilharia traria automaticamente uma época mais feliz, continua-se a marcha com uma visão mais lúcida, agora, das dificuldades a vencer, dos sacrifícios a realizar para que esse mundo melhor possa tornar-se um dia, realidade.

No momento presente, a essa apatia de que falámos acima, está a sobrepor-se, se não erramos, um clima de expectativa. Tanto na ordem internacional como na nacional, há grandes planos de trabalho, e na execução de todos eles será fundamental a acção das classes trabalhadoras em geral e do operariado em especial.

Dada a nossa situação geográfica, não podemos esquecer a grande importância, para nós, do Plano Marshall e do recente discurso de Bevin sobre a Europa Ocidental e a África, pois eles indicam as linhas orientadoras segundo as quais, muito provavelmente, a nossa situação no futuro imediato, se inserirá no concerto mundial. No campo interno, dificilmente se dará demasiada importância ao desenvolvimento da nossa indústria, tantas vezes apontado como necessário pelos nossos economistas mais distintos, e que está tomando agora largo impulso.

Vê-se, pois, existirem já linhas de orientação concretas, dignas de suscitar o entusiasmo e a boa-vontade das classes trabalhadoras. E não se julgue, em relação ao Plano Marshall, que este é apenas uma tentativa de salvação da Europa Ocidental.

Como foi posto em relevo pelo jornalista americano Walter Lippman, o seu nome oficial não é «Plano de Reconstrução da Europa Ocidental», mas sim «Plano de Reconstrução da Europa». De

(Continua na 6.ª página)

QUESTÕES ECONÓMICAS

O problema da habitação

Está em estudo, na Assembleia Nacional e na Câmara Corporativa, uma proposta de lei para resolução do problema do inquilinato, em conjunto com as expropriações e o direito de superfície. Não pode negar-se a candência do assunto. Senhorios e inquilinos conhecem bem as dificuldades e anomalias existentes. E todos que estão em contacto com o povo não ignoram os reflexos morais da situação do inquilinato.

A proposta em discussão encarou o problema por dois prismas divergentes: interesses dos senhorios — para os arrendamentos iniciados antes de 1943; interesses dos inquilinos — ao menos teoricamente — para os arrendamentos posteriores a 31 de Dezembro de 1942. O legislador não quis, não pôde ou não lhe ocorreu encarar a situação por um critério único, isto é, considerando todos os contratos, celebrados antes ou depois de 31 de Dezembro de 1942, pelo lado dos interesses legítimos dos senhorios e das possibilidades económicas reais dos inquilinos. No entanto, era isto que se impunha, para que a uma injustiça não suceda outra ainda pior.

Na Inglaterra e na Bélgica, onde há como em Portugal (embora por motivos diferentes) uma crise de habitação, procurou-se fomentar a construção e prestar justiça aos senhorios, instituindo subsídios de renda de casa a favor dos inquilinos cujo orçamento não comporta altas de renda.

O problema da habitação em Portugal tem dois aspectos: o montante da renda e a decência da casa.

A maioria da população portuguesa vive em casebres ou casas velhas e paga por elas alugueres que excedem a sexta parte do ordenado.

O sexto do ordenado é considerado o limite aceitável das despesas com habitação. Supondo que o trabalhador médio ganha uns 35\$00 por dia, recebe nos 26 dias úteis do mês 910\$00. O limite máximo de renda devia ser de 150\$00. E isto, é claro, partindo do princípio — falso aliás — de que o salário é familiar.

Quanto à decência da habitação, a construção dos Bairros Sociais — por meritória e louvável que seja a iniciativa — ainda não tomou desenvolvimento suficiente para lhe trazer melhoria satisfatória. Praticamente, o grosso da população trabalhadora fica mal habitada. E quando se diz da «população trabalhadora» querem incluir-se os empregados, porque rendas de 400\$00 a 700\$00 como as anunciadas para as chamadas «casas de renda barata», são excessivas para estes trabalhadores...

Comparemos os números. Neste momento, estão construídas e habitadas — importa pouco por quem — 3.458 casas económicas em Lisboa (segundo os números oficiais), abrigando outras tantas famílias. Pois em 1940, segundo o Censo Geral da População então celebrado, havia nesta capital 15.000 famílias sem lar próprio (cf. Censo Geral da População — publicado pelo Instituto Nacional de Estatística — vol. XII, pág. 12), 6.217 com lar constituído por uma só divisão, 10.340 com lar constituído por 2 divisões. Note-se, ainda, que ao número das famílias sem fogo próprio «haveria que acrescentar uma parte apreciável das 8.061 pessoas que compunham os grupos de hóspedes vivendo em casas particulares» (Censo e vol. cit., pág. 13). O que tudo somado, dá para cima de 31.600 famílias, ou seja, 120.000 pessoas, instaladas em condições habitacionais péssimas. Deve ainda observar-se que, sendo Lisboa e Leiria as cidades cujas casas têm divisões de dimensões menores (cf. Censo, vol. I, pág. XIV), ainda pode considerar-se péssimamente instalada uma parte das 50.961 famílias que habitam fogos de 3 e 4 divisões.

E sempre sem se entrar em considerações com a velhice de grande número dessas casas.

Note-se, ainda, que, a rigor, os nú-

meros fornecidos pelo Censo não podem ser comparados com os números actuais das casas económicas. Foi nos sete anos decorridos de 1940 para cá, que a crise de habitação se intensificou, devido, por um lado, ao aumento da população da cidade, e devido, por outro lado, ao afrouxamento do ritmo das construções. Não é, talvez, exagerado dizer-se que as casas dos Bairros Sociais não absorveram senão um número de famílias equivalente ao que nos últimos sete anos teria ido engrossar os números do Censo, acima transcritos.

Deste modo — repetimos — a obra dos Bairros Sociais pode encerrar uma esperança, mas não é ainda tão real que influa no preço e decência da habitação lisboeta.

A proposta de lei enviada à Assembleia Nacional encerra um princípio de

justiça para os senhorios de casas alugadas antes de 1943 e para os inquilinos de casas arrendadas depois de 1942. A instituição de subsídios de renda de casa a favor dos inquilinos que não podem pagar mais, sem sério sacrifício, seria equitativo complemento desse princípio de justiça. Sem tal, é justiça para uns e injustiça para outros.

Demais, os senhorios podiam ser beneficiados com a declaração da caducidade pura e simples das sublocações parciais, ou sua reversão a favor deles. A sublocação, tal como vigora, é uma indústria do inquilino à custa do senhorio e, quase sempre, em prejuízo da moral.

O povo miúdo, esse é que, geralmente falando, não está em condições de pagar mais.

JOÃO DE BRITO

A PAZ É O FRUTO DA JUSTIÇA

Naquele admirável discurso, que ficou registado na História da Humanidade com o nome de Sermão da Montanha, proclamou Jesus Cristo benditos os fazedores da paz.

Não há, com efeito, anseio maior da Humanidade do que este de viver confiadamente, alegremente, em paz. E embora o homem seja por natureza um lutador, não há ninguém de bom senso que não prefira a paz — nas famílias, nas profissões, na Pátria e entre as nações. Trabalhar pela paz, realizar a paz é, portanto, a obra maior a que um homem se pode consagrar nesta vida.

Nos tempos modernos então, depois de tantas guerras tão mortíferas, depois de tantas lutas no campo social, o povo deseja mais do que nunca encontrar a paz. Aqueles que se devotarem a construí-la, aqueles que se consagrem a realizá-la serão os bem-vindos do povo, e os abençoados de Deus.

Mas como se encontrará a paz, como poderá ela realizar-se?

É de todos conhecido o lema do actual Pontífice, que cheio de prestígio tem chamado os homens à razão e ao bom senso: «A paz é a obra da justiça».

É tão evidente a verdade desta afirmação que não é possível sequer discutir-la. A paz só se obterá por intermédio da justiça. Defender a justiça, reclamar os seus direitos, colaborar na sua realização é preparar os caminhos da Paz.

«O Trabalhador» nunca supoz que a Paz pudesse realizar-se sem a justiça. Pensou sempre que o primeiro passo a dar seria, portanto, em busca da justiça. Justiça para todos. Logo também para os patrões que desejam colaborar no acesso progressivo dos trabalhadores ao uso dos seus direitos humanos. E nisso não tem faltado e não faltará.

Cremos, por isso, — é a nossa profunda convicção — que trabalhamos mais para a realização da paz proclamando a justiça, do que embandeirando em arco a gritar pela paz. Se não foram as injustiças do capitalismo liberal nunca o «dogma» da luta de classes teria sido inventado.

A paz é a obra de justiça. E de mais nada.

PROTECÇÃO À FAMÍLIA...

EM FRANÇA

Eis o quadro da protecção à família em França, de acordo com a actualização dos diversos abonos e subsídios, a partir de 1 de Dezembro de 1947.

A descrição destes subsídios ou abonos, feita no semanário francês *Monde Ouvrier*, de 19 de Dezembro de 1947, vem precedida do seguinte comentário: «Isto que ides ler, é apenas o que já se conseguiu, e não o que deveria ser».

As prestações familiares destinam-se às famílias com menores a cargo, para os alimentar, vestir, cuidar e educar, e são constituídas por quatro «abonos» diferentes, que se completam uns aos outros.

I — Antes do nascimento

Os abonos «prénatais» ajudam a preparar a vinda do filho (enxoval, berço, suplemento alimentar para a mãe). Desde a declaração de gravidez, conta-se mais um filho, para o cálculo dos abonos de família e do abono de salário único.

II — Na ocasião do nascimento

O subsídio de maternidade é devido a todas as mães, quer elas trabalhem ou não, pelo nascimento do primeiro filho dentro dos dois primeiros anos após o casamento, ou antes dos 25 anos, e pelo nascimento de outros filhos dentro do período de três anos a contar do parto antecedente.

III — Depois do nascimento

Os abonos de família propriamente ditos, são devidos somente a partir da existência de dois menores a cargo do chefe de família, ainda que com este não tenham qualquer parentesco.

IV — Abono de salário único

Este abono é devido a todos os casais que não recebem mais dum salário, quer este seja devido ao trabalho do homem, quer da mulher.

Todos estes abonos são calculados sobre os salários médios de base, idênticos para todos os trabalhadores, e qualquer que seja o salário real de cada um.

Por esta forma evita-se que recebam abonos maiores, precisamente os que recebem melhores ordenados. O salário

base e por conseguinte os abonos, variam apenas de departamento para departamento, conforme variam, duns para outros, as taxas do custo de vida.

Estes salários médios de base, não se julgue que são coisa insignificante em relação aos salários reais. Vão, com efeito, de 6.400 francos no departamento onde é mais baixo o índice do custo de vida, até 8.500 no departamento do Sena.

Basta reduzir estas cifras a escudos, (mesmo à actual cotação livre que como moeda externamente forte o escudo tem na Bolsa de Paris), para se verificar que são de vulto os abonos a que dão lugar.

Qual o montante dos abonos?

- 1.º — Subsídio de maternidade ou de nascimento. — Primeiro filho: é o salário médio de base dum mês multiplicado por 3; outros filhos: o mesmo salário multiplicado por 2.
- 2.º — Abonos de família propriamente ditos. — Começam apenas com o segundo menor a cargo. Calculam-se assim: — um filho, ou menor estranho, a cargo: nada; 2, 20%; 3, 50%; por cada um dos seguintes: mais 30%.
- 3.º — Abono de salário único.

Estes abonos variam com o número de filhos do seguinte modo: — casal com um filho de menos de 5 anos,

20%; com um filho de mais de 5 anos, 10%; beneficiário isolado, ou tendo o cônjuge doente, com um filho de mais de 5 anos, 20%; casais com dois filhos, 40%; com três filhos, 50%.

4.º — Abonos «prénatais». Feita a declaração de gravidez passa a receber-se durante nove meses um subsídio independente, de 20%, tratando-se do primeiro ou do segundo filho; e conta desde logo como se fora já nascido, tratando-se de terceiro ou seguintes.

Os abonos de família e de salário único avaliam-se em conjunto pelo seguinte quadro:

Percentagem sobre os salários médios de base

Número de filhos a cargo	Abono de Família	Abono de Salário Único	Total
1 filho de menos de 5 anos	nada	20%	20%
1 » » mais » 5 »	nada	10%	10%
1 » » mais » 5 » a cargo dum beneficiário isolado ou cujo cônjuge se encontre doente	nada	20%	20%
1 filho duma família que tenha outros filhos ainda que não estejam a cargo do chefe de família	nada	20%	20%
2 filhos a cargo	20%	40%	60%
3 » » »	50%	50%	100%
4 » » »	80%	50%	130%
5 » » »	110%	50%	160%

Todos estes abonos e subsídios são recebidos não só pelo chefe de família quando trabalha, mas também quando

não pode trabalhar. Recebem-nos ainda as viúvas, os doentes, os inválidos, as pessoas idosas e os desempregados!

DO PAÍS

Portugal foi eleito presidente da Comissão dos Movimentos da Mito-de-Obra Internacional, que há pouco teve a sua reunião em Roma.

Segundo informaram as Brigadas Técnicas da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, prevê-se, para este ano, um aumento na produção de azeite, de 90 por cento, em relação à última colheita (1946-47).

O General Hertz Vandenburg, Sub-Chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas norte-americanas, que esteve em Lisboa, fez entrega, ao Ministro da Guerra, da Cruz da Legião de Mérito, com que o Governo dos Estados- Unidos distinguiu o Sr. Tenente-Coronel Santos Costa.

O Ilustre oficial americano foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Avis, condecoração que lhe foi entregue por ocasião do banquete servido em sua honra e de sua esposa, no «Avenida Palace».

Durante o ano findo, houve no Aeroporto da Portela um movimento de 9.738 aviões, numa média diária de 27 aparelhos.

Na ponte metálica sobre o rio Dão, deu-se um grave desastre. Uma vagoneta seguia carregada de areia, como oito homens, a caminho de Mortágua; o eixo dianteiro partiu-se, caindo tudo ao rio. Houve dois mortos, e dos seis feridos há um em estado grave.

Durante o primeiro semestre vão ser exportadas para Inglaterra três mil toneladas de vinho do Porto e cem toneladas de vinho da Madeira.

Comearam, na Guarda, os trabalhos preparatórios do VIII Congresso Beirão, que se realiza em princípios de Agosto, e no qual tomam parte todos os concelhos das Beiras.

Em 1947 foram distribuídos 40 mil contos de Socorro Social a várias casas de assistência, repressão à mendicância, Sopa dos Pobres, colónias de férias, distribuição de agasalhos, corporações de bombeiros, etc.

Um pastozinho de 12 anos, próximo de Vila Real, fez frente aos lobos que por duas vezes atacaram o seu rebanho, não conseguindo perturbar a sua calma, apesar de uma vez terem sido quatro as feras que teve de afrontar.

Os operários têxteis da Covilhã entregaram ao Governador Civil do Porto, com destino às vítimas da classe piscatória do Norte, a quantia de 12.500\$00.

DO ESTRANGEIRO

Os guerrilheiros gregos dispararam 14 granadas contra Salonica, atingindo a sede da Comissão da O. N. U. O Governo tomou precauções contra o aparecimento dos guerrilheiros.

Dizem de Nova Iorque que está concluído o projecto a apresentar na reunião do Conselho de Tutela da O. N. U. em vista a tornar Jerusalém uma cidade internacional, com uma policia especial, de que não poderão fazer parte nem judeus nem

árabes, a fim de proteger os lugares santos.

Em S. João da Terra Nova, um incêndio destruiu uma Casa de Saúde, particularmente morrendo 35 pessoas de avançada idade.

O Governo belga mobilizou todas as empresas de gás e electricidade com o fim de fazer frente à greve dos respectivos operários, que depois se apresentaram ao serviço.

A Bélgica e a Itália vão fazer acordos comerciais com Portugal, segundo comunicam de Bruxelas e Roma.

O primeiro ministro belga, ao falar na presença da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, sobre a situação da Bélgica no plano internacional, declarou que ao ocidente não pode manter-se desorganizado enquanto a Europa Oriental se organiza.

A referida Comissão aprovou as declarações de Spaak.

O Governo inglês estuda a proposta de uma lotaria internacional de dois milhões de libras esterlinas, que poderá, ao que se afirma na Inglaterra, dar ao Tesouro britânico um lucro de 150 milhões de libras por ano.

Marshall qualificou de «a nossa grande esperança» a criação da União da Europa Ocidental defendida por Bevin.

A França e a Espanha vão, em breve, iniciar negociações comerciais.

Os ministros dos Estrangeiros da Dinamarca, Noruega e Suécia, vão reunir-se ainda este mês em Oslo para se manifestarem sobre os planos para a União Ocidental.

O General Péron, Presidente da República Argentina, visita oficialmente o Brasil a convite do Presidente Dutra.

No seu recente discurso, Churchill disse que o Governo inglês e a oposição estão unidos na resistência à conspiração comunista e numa manobra geral quanto à politica externa.

A Rússia fez saber em Londres que se recusa a reconhecer quaisquer decisões sobre a Alemanha, tomadas na conferência dos representantes dos Estados- Unidos, França e Inglaterra.

A Comissão de Negócios Estrangeiros do Senado norte-americano propõe votar o plano Marshall com a redução de 20 por cento, limitando o período de auxílio a um ano.

Os astrónomos norte-americanos esperam obter a prova se no planeta Marte existe ou não qualquer espécie de vida animal ou vegetal.

A população de Viena está alarmada com o desaparecimento de indivíduos, verificado ultimamente.

Em todos os casos se trata de pessoas discordantes dos russos, que foram vistas a conversar com eles e por eles convidadas a entrar para um carro, desaparecendo até agora.

A situação da Palestina continua a tomar aspectos pouco animadores. Foram dinamitadas pontes nas fronteiras da Transjordânia e do Líbano, com receio de um ataque às colónias judaicas da região norte.

Ao abrir a Campanha eleitoral, De Gasperi disse que o que fazem actualmente os comunistas italianos, já o fizeram os comunistas franceses, e por isso se colocam fora da lei. E concluiu: «Não podemos aceitar que a nossa politica interna seja manobrada por Belgrado ou Moscovo».

No seu Relatório, correspondente ao período de trabalho como Chefe do Estado Maior do Exército, Eisenhower, ao mesmo tempo que exprime a esperança de se conseguir realizar uma paz duradoura, avisa os Estados Unidos de que devem estar preparados para repelir um possível ataque atómico, no caso de ele surgir.

A Argentina e o Chile, com o fim de reforçarem as suas reivindicações sobre as ilhas Falkland, enviaram algumas forças navais para o Antártico, o que motivou sério reparo do Governo inglês, que fez sair também para o Polo Sul o cruzador «Nigéria».

Os Estados Unidos apoiam a proposta de Londres para que o assunto seja resolvido por arbitragem internacional.

A Comissão da Palestina da O. N. U. pediu ao Conselho de Segurança que lhe forneça armas para dar execução à partilha da Palestina.



Incerteza e audácia

Estive há dias a reler, com intenção de as trazer aqui, umas paginas de um filósofo. (Entre parêntesis, para não perder o fio ao discurso, não quero deixar de protestar contra o possível sorriso de enfiado de alguns de vocês: «filósofos, ora, bem nos importam coisas aéreas...»). Os filósofos, de uma maneira geral, são homens que dedicam a sua vida a lutar, por conhecer, o melhor que pudessem, certos problemas da vida que a todos nós tocam. Não as trouxe ainda hoje, mas lembrei-me de uma frase dele, que vale a pena ser conhecida por todos nós. Antes de a citar, queria dizer em poucas palavras a que pergunta dá a resposta.

Todos sentimos a insegurança da vida — não sabemos se poderemos concluir o que começamos, e daqui a horas estaremos vivos ou mortos, o que será o nosso fardo amanhã. Mas, as classes trabalhadoras têm sentido essa insegurança com uma enorme intensidade, pois uma certa abstenção dos bens materiais adormece, muitas vezes, a consciência de que não estamos muito firmes neste mundo. Ora, quando a consciência dessa insegurança se torna muito aguda, é fácil cair na falta de esperança e no «deixar ir». Diante da enorme confusão de factos e ideias que vai pelo mundo, deixamo-nos desanimar: «falamos da necessidade de nos valorizarmos, a nós e aos que conosco vivem, de trabalharmos sempre pela melhoria profissional, por uma solidariedade maior; mas nós não vemos o que isto tudo irá dar...» E fica-se dominado

pelos perigos da vida, a quem ele chama «um viajante constantemente em marcha, dormindo sob tendas». Do final desse livro é a tal frase que provocou este artigo: «Com este mínimo de luz, (o da inteligência humana) podemos ariscar-nos a um máximo de amor e é a isso que somos chamados». Realmente, se bem pensarmos, vemos que a nossa inteligência, embora tão capaz de nos levar a entender tantas maravilhas, tem de confessar que não conhece com inteira clareza tudo: mas a insegurança que nos vem de não sabermos o que seremos amanhã, para onde se encaminha o mundo, se os nossos esforços terão ou não bom êxito, não nos ata as mãos, porque somos capazes, pelo amor, de nos lançarmos na aventura de nos educarmos, de procurarmos ser mais fraternais, de apoiarmos todas as tentativas justas...

Quem não sente no fundo do seu coração a vontade de muito amar tudo o que tem verdadeiro valor? O mundo não melhorará, se não nos convencermos todos de que, sem uma grande coragem e ânsia de nos servirmos uns aos outros, qualquer avanço será impossível. Por isso, tem tanto interesse esta frase de Wüst:

No fundo, todos sabemos que esta é verdade, mas não faz mal lembrá-la sempre — o desânimo espelha em cada curva mais apertada da estrada.

E quando nos convencermos de que «com este mínimo de luz, nos podemos ariscar a um máximo de amor», então já nos não mete medo a insegurança da vida, e já não acreditamos tanto que seja o dinheiro que dá a verdadeira segurança.

A verdadeira segurança vem do nosso amor, quer dizer, da vontade que tivermos de bom servir.

que há muitos «boxeurs» que o não sabem também). Muitos julgam que o «box» consiste em fazer muito sangue, em fazer muito barulho com um soco, em pôr K. O. Um adversário. O «box» não é — não pode ser — a brutalidade.

O «box», com razão lhe chamaram a nobre arte; e pode manter-se essa designação, desde que não se converta em pancadaria de rufias. Caracteriza-se como esgrima de punhos. Chamou-se-lhe a nobre arte para salientar a beleza dessa esgrima.

Um bom combate de «box» tem a beleza dum bailado de dois indivíduos na plena posse dos seus recursos físicos e psíquicos.

Chamou-se-lhe a nobre arte, principalmente pela preparação que exige e pela beleza máscula a que conduz ou que supõe.

Deixa de ser nobre arte, o «box», quando entra em causa a competição, quando a luta tem de ter como desfecho uma vitória, o mesmo será dizer, uma derrota.

Alargámo-nos em considerações sobre o «box». Outras modalidades podemos citar, para tirarmos esta conclusão: o nosso público não está preparado, tecnicamente, para apreciar o Desporto!

No aspecto cívico, é a mesma coisa. As rivalidades clubísticas são fanatismo, são a prova. E a existência dos «doentes» que se amiam com a família e os amigos quando o seu clube, preferido perde é a prova insofismável do que afirmamos.

Conclusão: Antes de cada jogo convém avivar na memória as regras que lhe dizem respeito.

E não levemos a nossa teimosia, a nossa intransigência ou o nosso fanatismo ao ponto de supermos que a vitória fez um pacto de fidelidade ao nosso clube.

Os outros também podem ganhar de vez em quando para animar as artes...

RIBA TUA



COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

A EDUCAÇÃO DESPORTIVA É a Educação ideal para o espirito do Povo

Terminou no domingo passado a primeira «volta» do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão. Quer isto dizer que os catorze clubes concorrentes à Grande Prova já efectuaram entre si todos os desafios marcados por sorteio prévio — num sistema de «poule», no qual cada um vai jogando sucessivamente contra todos os restantes para conquista dos pontos relativos às vitórias alcançadas ou aos empates consentidos.

Claro que as derrotas não contam para o efeito... Não custa fazer ideia do rol de comentários, de vitinios, de cálculos e de apostas até... que os numerosíssimos apaixonados pela «bola» devem ter formulado durante os dias da semana que hoje finda — usando e abusando, como estrilhões, dos nomes afamados de alguns jogadores-vedetas, a par de referências constantes aos clubes mais populares, mais queridos ou mais conhecidos.

Em todos os tons foi glosada a posição n.º 1 que nesta altura é pertença da turma valerosa de Belém: mas, simultaneamente, não deixaram de ser lembradas as perspetivas tenazes que lhe movem os andaluzados benfiquistas, os aguerridos «leões» e os estorlistas famosos; as grandes possibilidades ainda ao alcance dos esforçados portuenses; os «escoteiros» dos elvenses e dos atléticos — comodamente instalados a meio da tabela das classificações gerais; logo seguidos pelos xadrezados do Boavista, pelos Olhanenses e seus vizinhos de Vila Real de Santo António, e ainda pelos vimaranenses — campeões do Minho; a franca cotação actual do histórico Vitória de Setúbal; e os perigosos atrazos em que bracarense e académicos de Coimbra se deixaram cair.

A volta de tudo isto — fizeram-se «balanços» variadíssimos aos acontecimentos já passados, e estabeleceram-se também variadíssimos «orçamentos» para os sucessos futuros.

À VOLTA CÁ TE ESPERO A repressão do jogo duro

Os jornais estrangeiros falam de vez em quando da possibilidade de modificar-se a lei de «fora de jogos» restringindo o uso e abuso que se faz dela, mediante a delimitação dum área do rectângulo só dentro da qual fosse aplicável.

Que nós saibamos não se fez ainda nenhuma proposta no sentido de reprimir convenientemente, e dentro de um certo automatismo, o jogo duro. E o caso merece cuidadoso estudo.

Poder-se-ia, por exemplo, adoptar ou adaptar ao futebol o sistema do básquete, onde se faz a destrição entre faltas leves e insanáveis.

O árbitro no futebol perante uma falta ou advertir ou expulsa o jogador que a comete; não há meio termo.

A solução estaria na expulsão temporária do jogador, com a possibilidade de regressar depois de certo tempo.

Este poderia ser fixado de antemão, segundo a gravidade da falta. Para evitar a cça ao jogador tão característica de jogos de campeonato, poderia estabelecer-se, como critério, a expulsão dum jogador por tanto tempo quanto estivesse fora do rectângulo do adversário que ele lesionou, voluntária ou involuntariamente.

Há necessidade de rever as leis de futebol para eliminar os malefícios de certas rivalidades condensadas na conhecida frase: à volta cá te espero.

GANHAR OU PERDER É DO DESPORTO

Tal como previramos, fervilharam os comentários à volta da derrota da equipa nacional de hóquei em patins em Madrid.

Apareceu agora. E porque apareceu apenas como uma contingência do Desporto; e a manter a convicção, manifestada antes do jogo, de que era manifestamente útil a sua realização.

O dirigente José Castilho, por nosso intermédio e no «Mundo Desportivo», respondeu já às interrogações do público. Nessa entrevista, porém, ficou por fazer uma pergunta, a qual pergunta, confessamos, nem nos passara pela cabeça, nem até nós chegara pela «voz do povo».

Apareceu agora. E porque apareceu e representa de facto uma lacuna naquelle nosso trabalho — ela aí fica, — Quantos dirigentes acompanham a Madrid os 8 jogadores portugueses?

Será que na resposta respectiva esteja a justificação da pesada derrota? Sinceramente — não cremos.

Fossem vinte os dirigentes a acompanhar as equipas e a nossa opinião sobre a ida a Madrid era a mesma.

Opinião essa mais reforçada ainda com a derrota!

(Continua na 6.ª página)

De todos os desportos

REGISTO E PERSPECTIVAS DA SEMANA

Sporting e Belenenses continuam imbaldos no Campeonato de Andebol

Também no domingo, e com a regularidade que o bom tempo tem permitido, continuou a disputar-se o Campeonato de Andebol.

O Sporting, excelente vencedor de «Os Trezes», por 14-6, segue à frente da classificação. Mas Os Belenenses, que também triunfou do Glória (15-0) vai no escalão dos «leões», contando até menos um jogo.

O Oriental que derrotou o Almada Atlético Clube por 7-4 trava agora boa luta com «Os Trezes» para o terceiro posto.

Pode surpreender a pesada marca de 14-6 registada entre «leões» e «trezeiros» — mas a verdade é ter ela correspondido à diferença de valores verificada no desafio. Os campeões de Lisboa registaram também resultado expressivo, evidenciando nitida superioridade técnica sobre os animosos representantes do Glória.

De realçar o magnifico comportamento do Ateneu Comercial frente ao Técnico, campeão de Lisboa.

O Voleibol, pouco popularizado como espectáculo desportivo, deve ser a modalidade que mais praticantes regista. Segundo números da época passada, compilados pelo nosso camarada Craveiro Lopes, são 40.000 os jogadores em actividade, no decurso dos torneios.

A «Moçidade Portuguesa» fornece à pratica da modalidade o maior contingente de atletas.

Na Argentina tem grande popularidade o desporto mais perigoso do Mundo — El Pato. Consiste na disputa de uma bola com argolas por onde é suspensa, a qual é arremessada de cavaleiro para cavaleiro.

Alguns chegam a perder a vida, tal o risco que comporta a pratica desta violenta modalidade.

Felizmente que esta ideia já tomou raízes entre os mentores do nosso desporto, não todavia tão profundas que não se vejam perder de quando em vez, oportunidades preciosas de contacto internacional.

O caso do ténis de mesa, por exemplo.

E este outro, mais importante ainda, dos Jogos Olímpicos de Londres. Não nos conformamos com o alheamento português daquele grandioso «Congresso Vivo do Desporto Mundial»; não nos conformamos com o facto de se ter descurado a preparação dos nossos atletas para o Olimpico certame.

Muito menos nos conformaremos se, apesar de tudo, quando em 29 de Ju-

O público e o Desporto

Estará o nosso público preparado para apreciar o desporto como deve ser?

A resposta é negativa, tanto no aspecto técnico desportivo, como no aspecto — como dizer? — cívico.

No aspecto técnico uma grande maioria dos espectadores desconhece as mais elementares regras de determinada modalidade.

Isso observa-se nas discussões azedas que origina um simples lance num jogo de futebol.

Pode objectar-se que é a paixão clubista que ceça os espectadores. Mas podemos, sem receio de desmentido, sustentar que certos lances não são tão rápidos e inesperados, que até os mais experientes observadores se enganam.

Haja em vista os criticos desportivos — os verdadeiros criticos — que muitas vezes recorrem às informações dos próprios que interviewam no lance, para terem uma certeza.

O «boxeur» moçambicano por exemplo, que ainda há pouco foi batido por Guilherme Martins, usa sistematicamente um truque de que nem todos se apercebem ainda: em seguida a um soco do adversário deixa cair os braços como se tivesse ficado «rogado».

O público assim pensa e o adversário, igualmente iludido, cai a fundo para o liquidar.

Simplemente, o que Wilson pretendeu foi descongestionar os músculos para prosseguir a luta e, possivelmente, provocar a precipitação do adversário. É uma tactica matreira que pode surtir efeito.

Num célebre combate, no Campo Pequeno, de Agostinho Guedes com o espanhol Arceñega, houve a impressão de que este quis poupar o nosso compatriota.

A verdade é que o espanhol — por falta de reflexos — não soube, ou não pôde explorar a crise por que passou Agostinho Guedes nos dois primeiros assaltos. E a prova esteve num combate posterior para disputa dum titulo em que Arceñega repetiu a mesma exibição.

Noutro combate de Agostinho Guedes, no Estádio Mayer, com o campeão espanhol Paco Bueno, este, com receio do poder de soco do nosso compatriota, levou todo o combate a esquivar-se, ficando o público com a impressão de que pretendeu apenas poupar-se.

O que é isto?

Estas rodas de locomotiva de potentes eixos não parecem sair da prensa mecânica dum fundição?

Qualquer pessoa, porém, pode construir um conjunto assim com quatro moedas de dez escudos, uma de vinte e cinco tostões, duas de tostão, um pouco de cola e muita paciência.

New York Times Photos

